



ARTEFATO CULTURAL DO POVO MYKY: MACHADO DE PEDRA¹

Tupy Myky²

Carlos Edinei de Oliveira³

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Japuíra, terra Indígena Menku, município de Brasnorte, em Mato Grosso. O objetivo é demonstrar o quanto o machado de pedra Myky faz parte de todo um patrimônio cultural da humanidade e mostrar aos jovens da etnia Myky sobre importância do machado de pedra para o nosso povo. Apresentar a importância desse artefato como instrumento utilizado para limpar certa área de mata e deixá-la pronta para se tornar uma roça. O machado de pedra é uma ferramenta importante e se tornou um dos símbolos da cultura material do Povo Myky. Nessa pesquisa, apresento o Machado de Pedra, como era feito e como era usado no dia a dia, porque hoje não usamos mais o machado de pedra. O machado utilizado é o industrializado dos não índios, mas que com esse trabalho podemos valorizar mais a cultura Myky. Esta pesquisa servirá de material didático na escola, para que outros professores e alunos possam pesquisar sobre este tema que estou apresentando, valorizando cada vez mais a identidade do povo Myky.

¹ Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, em 2016, à Diretoria de Gestão de Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para obtenção do título de professor Licenciado em Ciências Sociais. A produção textual apresenta a forma como Tupy Myky se apropria da língua portuguesa.

² Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena, com habilitação em Ciências Sociais. E.mail tupymyky@hotmail.com

³ Professor Orientador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT / Campus de Barra do Bugres e professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado em História – ProfHistória. E.mailcarlosedinei@unemat.br

Palavras-chave: Etnia Myky - Cultura - Identidade - Machado de Pedra

Abstract

This research was carried out in the Japuira village, Menku Indigenous land, Brasnorte municipality, in Mato Grosso. The objective is to demonstrate how the Myky stone ax is part of a whole cultural heritage of humanity and to show the Myky youth about the importance of the stone ax for our people. Present the importance of this artifact as an instrument used to clean a certain area of forest and leave it ready to become a field. The stone ax is an important tool and has become one of the symbols of the material culture of the Myky People. In this research, I present the Stone Ax, how it was made and how it was used day by day, because today we no longer use the stone ax. The ax used is the industrialized non-Indians, but with this work we can value the Myky culture more. This research will serve as teaching material in the school, so that other teachers and students can research on this topic that I am presenting, valuing more and more the identity of the Myky people.

Key Words: Myky ethnicity – Culture – Udentify - Stone ax

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida na aldeia Japuira, Terra Indígena Menku, localizada no município de Brasnorte⁴, em Mato Grosso. Na Aldeia existe uma Escola Estadual Indígena Xinui Myky, com 60 alunos e um Posto de Saúde.

Nossa população é de 133 pessoas, com 30 famílias, as casas das famílias são todas de telha e de madeira e com pisos. Ainda preservamos a cultura, fazemos as roças tradicionais, plantamos alimentos próprios do povo e todos falam a língua materna.

⁴Brasnorte é município brasileiro do estado de Mato Grosso. Sua população estimada em 2017 era de 18.688 habitantes (IBGE). Possui uma área de 16020,9 km².

Os objetivos da pesquisa foram mostrar a importância deste objeto cultural e material que é o machado de pedra, utilizado pelos antepassados Myky; reavivar os conhecimentos e as técnicas tradicionais de fabricação e uso deste artefato tradicional do povo Myky, bem como, preservar a nossa cultura para que nunca se perca e que fique registrado na escola para que a comunidade e jovens das futuras gerações tenham acesso a essa pesquisa.

Escolhi este tema, porque um machado de pedra significa muito, não só como instrumento de uso da cultura Myky e para os povos indígenas em geral, mas como patrimônio da humanidade na pré-história.

Logo abaixo, apresento uma pequena citação, em espanhol, sobre o machado feito pelo arqueólogo Carlos Fernandez Gonzáles (s.d):

Se presentan aquí los resultados obtenidos en El trabajo etnoarqueológico llevado a cabo entre los Myky destinado a La documentación de La cadena operativa de las hachas de sílex que utilizó este grupo indígena en El pasado”. Los Myky fueron contactados en 1971 y utilizaban en aquel entonces útiles elaborados en material lítico. En el artículo se describen las características de cada una de las fases de la cadena operativa, desde el aprovisionamiento de la materia prima a la elaboración y utilización del hacha de sílex. Igualmente se presenta el material etnográfico recogido, la evolución histórica de los Myky desde principios del siglo XX hasta la actualidad. Finalmente, se explica la metodología empleada en la documentación desarrollada y se analiza la información de cara a contextualizar culturalmente la investigación. El presente artículo pretende igualmente reclamar la necesidad de documentar cuestiones como las que se exponen, una vez que estamos hablando de un patrimonio humano que en breve desaparecerá. Se propone así una línea de trabajo que se pasa a denominar como de etnoarqueología lítica. En su apoyo se realiza un breve repaso a trabajos que hayan documentado el instrumental lítico entre sociedades que lo hubiesen utilizado en el pasado, fundamentalmente en Brasil pero también de algunas investigaciones desarrolladas en otras partes del planeta. El interés de todos estos estudios para la arqueología prehistórica es muy importante, fundamentalmente por poner de relieve los diferentes problemas que presentan los métodos de clasificación e interpretación basados en criterios actuales.

O machado é muito importante para nosso povo, pois é um objeto que fez com que os nossos antepassados sobrevivessem no passado, mas nós jovens não conhecemos e não valorizamos o que é nosso, assim, precisamos valorizar mais.

Hoje não fazemos mais o machado de pedra, por isso, que temos machado de ferro dos não índios e instrumentos como motosserras, achando que é o melhor. Mas temos que pensar que temos que dar mais importância e valor aos objetos que os nossos avôs usavam, para não perdermos nossa identidade cultural.

Desta forma, ainda tenho como objetivo, buscar os conhecimentos com os mais velhos sobre o machado de pedra; explicar o processo de fabricação desse instrumento e mostrar a matéria prima que se usa para confeccionar o machado de pedra.

Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de uma entrevista com os mais velhos da aldeia Japuira do Povo Myky, município de Brasnorte-MT, em forma de questionário. Quanto à pesquisa de campo, fui com um ancião até uma grande pedra onde se afiava o machado de pedra. Durante a entrevista com o ancião, eu observava tudo o que ele falava e fui escrevendo no próprio *notebook*. Fiz cinco entrevistas com meus entrevistados Xinuxi e Wajakuxi

Fig.01- Wajakuxi com machado de pedra.



Fotografia: Elizabeth Aracy Rondon Amarante. Ano 2002.

As entrevistas e coletas de dados foram na minha casa ou eu ia até os anciões e marcava horário que eles podiam ir até a minha residência, para falar do tema da minha pesquisa. Escolhi essas pessoas porque são tranquilas, sempre vão a minha casa para conversar ou contar histórias.

A entrevista foi realizada com dois anciões: Mākakoxi, de 45 anos de idade, ele faz artesanatos para vender como: anéis, arco e flecha, machados e cocar. Ele caça e pesca, faz roças e planta os alimentos. Xinuxi tem 58 anos de idade, ele é o mais caçador da aldeia, é um dos que mais conhece sobre a cultura do nosso povo, conta as histórias do passado ou mitos

para os alunos na escola. As entrevistas foram realizadas na língua Myky e transcritas com versão em português, registradas em papel.

A ideia de pesquisar sobre esse tema surgiu quando fiz o magistério no projeto Haiyô⁵, pois eu já vinha observando a importância desse instrumento na cultura do povo Myky. Meu interesse tornou-se maior quando um professor não índio foi fazer sua monografia sobre a história do povo Myky. Ele também pesquisou sobre o machado de pedra, porém, mais sobre os artefatos da cultura Myky.

Neste trabalho, pretendo coletar mais informações sobre esse instrumento de trabalho que foi muito utilizado pelos nossos ancestrais.

O machado de pedra já foi muito importante no passado para a sobrevivência do povo, pois era usado para fazer roças e plantar alimentos. Hoje, nós, jovens, estamos desvalorizando o que é nosso, nós jovens só pensamos em valorizar mais a cultura dos não índios, achando que é melhor que a nossa, mas na verdade estamos deixando de fazer e praticar as nossas tradições.

Desejo que a partir de hoje, os jovens conheçam mais sobre a importância do machado de pedra para nossos ancestrais e para a memória de nossa cultura, ao longo do tempo. Este trabalho ficará na escola para que os alunos e outros professores pesquisem sobre o tema para terem mais conhecimento.

Escolhi esse tema, porque é um objeto que faz parte de nossa cultura e porque foi muito importante na sobrevivência do meu povo Myky, fazendo suas roças.

Hoje já não fazemos mais esse instrumento, por influência do contato com o não índio, ele foi substituído pelo machado de aço e motosserra dos não índios, por ser mais rápido em derrubar uma árvore. Mas alguns velhos ainda fazem, com outra finalidade, não para usar na derrubada, mas sim para vender, ou guardar.

Depois que nosso povo Myky e outras etnias saíram da pedra, é que surgiu a ideia e a necessidade do machado de pedra para derrubar árvore, fazer roça e plantar os alimentos para

⁵ O projeto Haiyô foi oferecido pela Secretaria de Estado de Educação SEDUC, para formação de professores indígenas, para o magistério intercultural. A primeira etapa ocorreu na cidade de Comodoro - MT de lá foi transferido para cidade de Juína - MT, onde terminamos o curso, que teve a duração de cinco anos. As etapas ocorriam durante as férias dos professores, duas vezes por ano.

sobrevivência. Ele foi importante na vida do meu povo, ele é feito de pedra especial para não quebrar. O cabo dele é feito de uma madeira resistente que se chama *Tapjamamã* (goiabeirinha).

Para fazer o machado, primeiramente, pega a madeira, esquentando no fogo, dobra, coloca uma pedra e cera de mel e amarra com corda de tucum⁶.

Antigamente, levavam-se muitos meses para fazer uma roça com esse instrumento, dava calo nas mãos, não era como hoje que usamos as facilidades dos não índios e as tecnologias modernas que usamos.

1 O POVO MYKY

O nosso povo habita a margem direita do rio Papagaio, a 53 km da cidade de Brasnorte, Mato Grosso. Vivemos numa área demarcada e homologada de 47.094 hectares que abrange áreas de floresta Amazônica e Cerrado, sendo uma das poucas áreas remanescentes de transição entre dois biomas. Estamos ainda reivindicando outra parte da Terra tradicional que ficou de fora, como Castanhal, Tucunzal, Taquaral e outras matérias primas.

Somos falantes de uma língua isolada, contatados em 1971, quando éramos 23 pessoas, pela então Missão Anchieta. Os responsáveis pelo contato foram: Tapura Irantxe, Tupxi Irantxe, Thomaz de Aquino Lisboa e Adalberto Holanda Pereira. Delá para cá, tivemos um crescimento demográfico com relativa ascensão. Atualmente, 70% da nossa comunidade Myky é constituída por jovens e crianças, somos uma população de 133 pessoas⁷.

Hoje ainda mantivemos as nossas práticas de cultivo tradicional de grandes roças, comunitária e familiar, onde produzimos milho, mandioca, batata, cará roxo e branco, amendoim, algodão, cana-de-açúcar e várias espécies de feijão. Também praticamos o extrativismo da castanha, caju do mato, tucum, pequi, bacava, buriti, entre outras frutas

⁶O tucum é um pé de coqueiro “wawakje`y”, com muitos espinhos e a folha dele é comprida, da folha que tira a fibra para fazer as cordas para amarrar Machado de Pedra, para as redes, corda para arco e flechas e outros artesanatos. As mulheres é que tiram as fibras e fazem as cordas.

⁷Dados de fevereiro de 2015 (crianças, jovens e adultos). Na aldeia hoje temos 38 crianças de 0 a 10 anos, temos 54 jovens de 10 a 20 anos e temos 33 adultos de 20 a 55 anos de idade. A nossa população é muito mais de jovens.

silvestres. Caçamos anta, porco queixada, caititu, tatu, paca, quati, jacu, mutum, macuco e ainda pescamos vários tipos de peixes. Os rios que temos na região são: Rio Papagaio, Juruena e córregos Águas Claras, Japuira, Escondido e Noronha.

Antigamente o nosso povo vivia de caça, pesca e coleta de frutos, não tinha doenças, sem ter muita preocupação, vivia em harmonia com práticas culturais e, principalmente, a roça e, nesse caso, o instrumento mais importante era o machado de pedra para fazer uma derrubada de roça.

Hoje muita coisa mudou, não fazemos práticas culturais com frequência, mas ainda praticamos os cultivos das roças, mas não mais com machado de pedra e sim com machado de ferro e motosserra dos não índios, que agora faz parte de nossas ferramentas de trabalho.

Conforme Andrea Jakubasko (2016) também podemos conhecer os seguintes aspectos do povo Myky:

Os Myky ocupavam tradicionalmente as bacias dos rios Norato, Noronha (em todo o entorno da região onde se encontra hoje a cidade de Brasnorte, fundada em 1979) e cabeceiras dos córregos Rico e Águas Claras nos limites norte-sul. A Terra Indígena Menkü, homologada em 1987, compreende 47.094 há, a população é de aproximadamente 140 pessoas também concentradas numa única aldeia - Uruu (literalmente japuira – casa [lugar] de japuira). A demarcação de Terras Indígenas, ao mesmo tempo em que oferece garantias quanto ao direito de uso fruto de parcelas de seus territórios de ocupação tradicional, encerra essas populações em reservas delimitadas, tornadas ilhas diante da pressão dos modelos de ocupação do entorno, restringindo a circulação de povos que conheciam fronteiras intransponíveis apenas em períodos de conflitos e guerra. No percurso da identificação e delimitação das Terras EnaweneNawe e Myky, durante a década de 70, o processo fundiário Enawene esteve pautado pelo Decreto Lei n.76.999 de 1976 que já determinava a necessidade de constituição de grupo técnico para a produção de estudos e laudos fundamentando a identificação e definição de limites, ao contrário do processo fundiário Myky que ocorreu a revelia deste decreto, definindo um processo administrativo caracterizado pelo flagrante dolo, vício e esbulho renitente⁷. A delimitação de 1978 da T.I. Menkü pautou-se, antes, pelos interesses dos novos proprietários de terras que se estabeleciam na região e, na perspectiva missionária, pela urgência de garantir minimamente as condições de sobrevivência do grupo, já tão dizimado, perante o avanço desenfreado das frentes de expansão no Mato Grosso (viveram um processo

de depopulação traumático ocasionado pelo acirramento do cerco aos territórios indígenas na região e pela abertura de estradas tendo chegado a 9 pessoas na década de 50) (JAKUBASKO, 2016, p.172).

De acordo com a Andrea Jakubasko (2016), o povo Myky sofreu um grande impacto com a expansão de desmatamento e de seringueiros chegando à região onde hoje é Brasnorte. Toda essa região era habitada pela etnia Myky: Myky da Mata e os Myky do Cerrado que hoje se denominam de Manoki, e que antes era um povo só, porém, com a chegada dos não índios e guerras entre os povos inimigos, se separaram.

O território tradicional ocupado pelos Myky ficou de fora, por causa da invasão dos não índios e, quando os fazendeiros e seringueiros chegaram à região, os Myky foram empurrados para outra terra que não é tradicional do povo.

Hoje o nosso povo reivindica essa área que ficou de fora, onde estão Tucunzal “Wawakje`y,” Castanhal “Tjukakje`y”, Taquaral “kakjepjata” e Jenipapal “janãkje`y” que são recursos naturais que o povo usa para fazer seus instrumentos tradicionais para uso no dia-a-dia.

2 O MACHADO DE PEDRA

A primeira vez que surgiu a ideia de pesquisar sobre o machado de pedra foi quando participei de um projeto de formação de professores indígenas, no Magistério Intercultural Indígena, do projeto *Hayô* que, na língua dos Nambikwara, significa bom, ótimo.

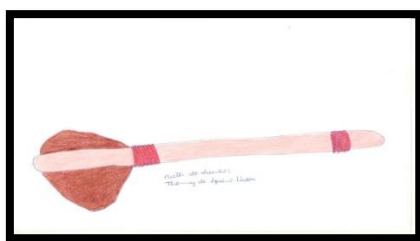
Para fazer a pesquisa, procurei os mais velhos da Aldeia, expliquei do que se tratava e se eles podiam me falar um pouco do que sabiam sobre o machado.

Segundo o meu entrevistado, Xinuxi, antigamente não existia machado de pedra, até porque o povo Myky e outros povos viviam dentro de uma grande pedra e lá não se fazia roça, não tinha doença, não tinha briga e, por isso, não havia a necessidade do machado.

No entanto, após a saída da pedra, tiveram essa ideia de fazer o machado de pedra e, a partir daí, começou a fazer roça pequena, tirar mel, afiar com a própria pedra para derrubar árvore e fazer as roças, plantar os alimentos, cortar as carnes, fazer as casas para a sobrevivência. Ele foi importante na vida do povo.

O machado é feito de pedra especial para não quebrar, o cabo dele é feito de uma madeira resistente que se chama *Tapjamamã* (Goiabeirinha).

Fig.02. Representação: Machado de Pedra



Fonte: Thomaz de Aquino Lisboa (desenhista)

Antigamente, para fazer uma roça com esse instrumento levava muito tempo, causava calo nas mãos, não era como hoje, que usamos as facilidades dos não índios e as tecnologias que usamos.

Com esse instrumento, não só fazia roça, mas também usava para tirar mel, cortar lenha, cortar caça, corta palha para fazer casa, esteios e ripas.

Para fazer um machado de pedra, primeiramente, vai ao córrego e procura a pedra lascada bem pontuda e resistente. Ao mesmo tempo, procura a madeirinha também resistente. Chegando em casa, põe a madeirinha no fogo para esquentar e dobrar ao meio, isso faz com que ela não quebre.

Depois passa a cera de abelha sobre o fogo e passa na pedra onde vai ser fixada a madeira, amarra com cordas de tucum e está pronta para o uso, a pedra é retirada tanto do córrego como fora do córrego. Não tem época certa para procurar no córrego, é por volta do meio dia que a pedra é coletada, porque de manhã ainda está muito frio na água.

O machado de pedra é feito apenas pelos homens. Antigamente todos os homens confeccionavam o próprio machado que tem tamanhos para cada atividade. O mais pesado e com cabo mais comprido serve para derrubar árvores maiores, sendo que apenas os mais velhos dominam a técnica de elaboração desta ferramenta.

Mas para confeccionar cordas, são as mulheres que fazem, pois é tarefa delas tirar o tucum e produzir cordas para amarrar os instrumentos da nossa cultura. Com uma pedra se alisava a outra, já a madeira, se alisava ou ajeitava com a pedra mesmo. Procurava-se a cera mais grudenta, conhecida como *tápukjamã* para fazer o machado. A cera usada para fazer a flecha é menos grudenta e para o machado a mais grudenta. Todos os homens podem tirar a cera, desde que saiba fazer este material.

Fig. 03 - Imagens de JémuuMyky confeccionando cordas



Fonte: Fotografia: Elizabeth. Amarante. Sem data.

Segundo depoimento dado pelo meu pai Thomaz de Aquino Lisboa, antes do contato em 1970, ele e outros jesuítas fizeram um sobrevoo numa aldeia pequena, possivelmente, do povo Myky e lá jogaram os machados de ferro, facão e foices para eles. Alguns acharam, utilizaram e gostaram dos objetos.

No ano de 1971, foram contatados e eles ainda utilizavam o machado de pedra, mas os jesuítas levaram mais instrumentos dos não índios e, no final de 1971, o machado tradicional deixou de ser utilizado.

Segundo Xinuxi, não existe relação entre o pica pau (*Tumãï*) e o machado de pedra. Quando os jovens da época dos nossos antepassados saíram da pedra, perguntaram para uma

senhorinha sábia (retratada no mito de origem) o que deviam fazer e ela disse a eles para procurarem em volta da pedra, algumas pedras lascadas bem pontudas para fazer o machado, uma árvore com espinhos e folha comprida para tirar fibra e fazer corda, achar madeira resistente para o cabo e procurar as abelhas de mel para tirar a cera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, encontrei vários pontos principais e importantes para mim como pesquisador e para a comunidade em geral, principalmente, para os jovens da nossa etnia que daqui por diante darão mais valor aos objetos da nossa cultura que é tão importante quanto as ferramentas dos não índios.

Podemos sim usar coisas boas que os não índios têm, mas também existem coisas ruins que podem destruir a nossa cultura, por isso, devemos tomar muito cuidado e preservar a nossa cultura que é tradicional.

O resultado desta pesquisa foi muito bom, consegui adquirir conhecimentos que antes eu não tinha sobre o machado de pedra, que foi muito importante para o meu povo Myky, porque é com ele que os nossos antepassados e nossos avôs faziam suas roças, plantavam seus alimentos, e fez com que garantissem a sobrevivência do nosso povo.

Quero ressaltar ainda a compreensão das pessoas que entrevistei, pois tiveram paciência e colaboraram muito com a minha pesquisa.

Espero que este trabalho retorne para a nossa comunidade e para escola como material didático, e que sirva de apoio na sala de aula para os alunos, para que os mesmos tenham acesso e conhecimento e que continuem preservando a nossa cultura, para que nunca se perca.

Este estudo também servirá para que outras pessoas da aldeia ou não índios façam pesquisa sobre esse instrumento que foi tão importante e continua sendo importante para nosso povo Myky, mesmo que não o façamos mais, mas que conheçamos e tenhamos orgulho de fazer parte desse povo.

Temos que nos atentarmos para registrar as nossas próprias histórias, porque os nossos anciões, um dia, vão nos deixar e se não aproveitarmos enquanto eles estão vivos, quando se forem perderemos todas as histórias do nosso povo.

O risco de extinção da rocha matriz de extração das pedras para confecção do machado Myky foi analisado no relatório circunstanciado para regularização da T.I. Menku, onde fica assinalado que o machado de pedra é confeccionado exclusivamente por meio da extração de lascas de pedra retirada de fragmentos lascados de uma rocha de silexito (S_2O_2) com brechados em roda de folhas. Esta rocha matriz ocorre em um único surgimento geológico localizado ($12^{\circ}04'57.6''058^{\circ}17'11.3''$) nas terras de ocupação tradicional. Constitui a matéria prima imprescindível para a preservação da cultura material e simbólica Myky que, apesar da incorporação de ferramentas pós-contato, mantém a utilização do “machado dos antigos” (técnicas de confecção transmitidas de pai para filho) para a concretização das Roças sagradas de *Jetá*.”.

Um exemplar do machado do povo Myky está no Museu Rondon na UFMT, em Cuiabá que é um valor arqueológico que está sendo preservado como patrimônio da história da humanidade.

É importante destacar que nos dias de hoje, é muito difícil conseguir manter a cultura e materiais arqueológicos como machado de pedra, porque a tendência das tecnologias dos não índios estão interferindo nas culturas indígenas.

Por fim, fecho minhas considerações, com uma importante citação do arqueólogo espanhol Carlos Fernández González, presente no **Sautuola / XV** Instituto de Prehistoria y Arqueología “Sautuola” Santander (2009, p. 465).

[] si entendemos que podemos llegar a conocer el pasado humano a través de los restos materiales, entonces es que aceptamos que existe una relación positiva entre la cultura material y el comportamiento humano. Entre el material que recogió este autor entre los Myky como consecuencia del trabajo de campo etnoarqueológico en torno al instrumental lítico -que aún hoy es posible documentar entre este grupo indígena- se pudo verificar esta cuestión.

El interés de estos trabajos es enorme una vez que la reducción del universo cultural indígena es hoy más sutil pero tal vez más efectiva y rápida al existir una realidad tecnológica, demográfica e ideológica aplastante y difícilmente contestable.”

REFERÊNCIAS

FERNANDEZ, Carlos Gonzalez: Análisis de los trabajos de corte etnoarqueológico desarrollados en Brasil. **Sautuola** / **XV** Instituto de Pré-história y Arqueologia “Sautuola” Santandé. 2009. p. 463 – 479.

FERNANDEZ, Carlos Gonzalez: La cadena operativa de las hachas de sílex. [S.D.].

JAKUBASZKO, Andrea. Paisagens culturais: identidade territorial e direito ao desenvolvimento. *Revista Desenvolvimento Social*. N. 19/01, 2016.p.165 -180.

LISBÔA, Tomaz de Aquino. *Entre os índios Münkü*. São Paulo, Loyola, 1979.

MYKY. Plano de Gestão Territorial Myky. JAKUBASZKO, Andrea e LIMA, Artema (ORGs). Cuiabá: OPAN, 2012.

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. *Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO para Regularização Fundiária da T.I Menku

RIBEIRO, B. G. (1985): “Os estudos de cultura material: propósitos e métodos”. *Revista do Museu Paulista* 30, São Paulo, 13-42.

Desenhos

LISBOA, Thomas de Aquino. Representação de um Machado de Pedra. Desenho. Aldeia Japuira, Brasnorte, outubro de 2014.

_____. Representação de dois Machados de Pedra. Desenho. Aldeia Japuira, Brasnorte, outubro de 2014.

Fotografias

AMARANTE, Elizabeth, Jémuu fazendo corda, 2016.

_____, Wajakuxi com o machado, 2016..

MYKY, Tupy. Aotápjaxireseke'y – Pedra para afiar machado. Fotografia tirada na Aldeia Japuira, dezembro de 2014.

Sites eletrônicos

FERRAZ, Luciana. *Caminhando para não parar a história: a resistência do povo Myky no Mato Grosso*. 03 mar. 2013. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?Id=128695&id_pov=172. Acesso 05 fev. 2015.